

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NO IFFLUMINENSE: COM A PALAVRA, O ALUNO DE LETRAS

Marília Siqueira da Silva (IFFluminense)
marilia.siqueira22@gmail.com

RESUMO

Tendo em vista que um curso de licenciatura possibilita discutir não só a teoria como também a prática do processo de ensino-aprendizagem, a qual envolve docentes e discentes, cumpre a este trabalho trazer à tona as contribuições dos alunos da Licenciatura em Letras do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense), concernentes ao curso e ao ensino de língua materna. Na presente pesquisa, recolheram-se dados, a partir de três questionários. Ao primeiro, aplicado a 88 estudantes das cinco primeiras turmas da referida licenciatura, seguiram-se outros dois destinados aos alunos do último período e à primeira turma de egressos, respectivamente. Processou-se, então, análise quantitativa e qualitativa das informações obtidas de modo a se criar o perfil do alunado e se verificar se têm sido alcançados os objetivos do curso em tela, especialmente, no que tange ao ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave:

Discentes. Ensino. IFFluminense. Língua materna.

1. Introdução

Os cursos de licenciatura visam à formação docente, por isso nelo o processo de aprendizagem encontra-se o tempo todo imbricado com o do ensino. O ensinar pelo professor atuante não se restringe a buscar estratégias para que o aluno adquira conhecimentos que o preparem para a vida como pessoa humana, para o mundo do trabalho e para a cidadania – objetivos do Ensino Médio brasileiro, mas tem como fim o ensino para ensinar. Não se trata de ensinar para atuação ampla no mercado como no bacharelado, mas de ensinar a ensinar.

Na licenciatura, de um lado, há docentes – vocábulo de origem latina proveniente do verbo *docere*, que significa “ensinar”, sendo então docente aquele que ensina, instrui, informa – formando docentes. Do outro lado, há discentes aprendendo não só para aprender, mas também aprendendo a ensinar. Estabelece-se, então, um tripé verbal: ensinar – aprender – ensinar. Para compreender melhor o processo, busca-se auxílio na etimologia dos termos “ensinar” e “aprender” conforme Cunha (2010) e outras fontes.

De origem latina, o verbo “ensinar” significa indicar, designar, podendo associar-se a “marcar com um sinal” – neste caso, transmite

ideia negativa de imposição ao mesmo tempo em que remete ao valor positivo de nascimento do caráter do aluno, já que a palavra “sinal” provém do grego *karakter*. Embora seu aparecimento na língua francesa ocorra no século XI e na portuguesa no século XIII, ganha novo sentido – transmitir conhecimentos a um aluno – no século XVII, quando surge a escola moderna e se constitui a organização do sistema escolar.¹

Também derivado do latim, o termo “aprender”, semelhante a “apreender” por possuírem a mesma origem (*apprehendere*), denota adquirir conhecimento. É interessante destacar que se trata da junção de *ad* (=junto) e *prehendere*, podendo assumir, assim, o sentido de “levar para junto de si” ou, em sentido figurado, “levar para junto da memória”.²

Ensinar, ou seja, indicar ou marcar com sinal no sentido de contribuir para a formação do caráter do aluno, eis o trabalho do professor. Aprender, levar para junto de si deve ser o objetivo do aluno. Na esfera da licenciatura – termo oriundo do latim medieval *licentiare* denotativo de permissão, autorização –, pode-se conceber a ideia de relação mútua: o aluno permite ser marcado pelo professor, ao passo que o professor dá permissão ao aluno para assumir seu lugar de educador.

2. Palavra de aluno da Licenciatura em Letras do IFFluminense

Apesar de seu pouco tempo de existência, é possível fazer uma leitura e uma produção textual da Licenciatura em Letras do IFFluminense. O processo de reconhecimento concretizado em junho de 2017, a colação de grau das duas primeiras turmas nos meses de junho e dezembro do mesmo ano e tantas outras experiências colaboram para que sua identidade seja reconhecida pelas comunidades interna e externa. Esse histórico, no entanto, não a faz completa nem plenamente satisfatória. Há caminhos e caminhos a serem trilhados. Caminhos ainda não percorridos. Caminhos escorregadios. Caminhos tortuosos. Caminhos de construção e crescimento a serem desvendados a dois, a três, a cem pés e mãos. Há muito o que fazer, a edificar. E nada melhor do que ir junto, do que ir de mãos dadas, como convida Carlos Drummond de Andrade (1999) em:

⁶² Comentários disponíveis em <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n2/08.pdf>>. Acesso em 17 jan 2018.

⁶³ Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/site/palavras/aprender/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

*Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas*

Na construção conjunta, ouvir o companheiro de caminhada pode ser crucial para a sobrevivência, por isso o momento é de silêncio para dar a palavra a um dos caminhantes: os alunos da Licenciatura em Letras do IFFluminense, que contribuíram para esta pesquisa ao responderem a questionários. Do primeiro, participaram 88 educandos. Das 18 perguntas, duas revelam percepções que permitem refletir sobre o ensino e a aprendizagem no curso em tela.

Para a pergunta “Quais as relações que você poderia estabelecer entre gramática, leitura (da literatura e de outros domínios discursivos) e escrita nas aulas de Língua Portuguesa?”, deram-se respostas mais detalhadas ou mais aligeiradas. Dentre elas, destacam-se:

Quadro 1 – Relação gramática, leitura e escrita

1. Todas são interligadas. Sem texto não há gramática. Português é como uma fórmula matemática, juntamos as palavras para formar o tecido. Conhecer como os “antigos” juntavam as palavras e porque as juntamos desse modo hoje. Sou muito mais da parte linguística, apesar de compreender a necessidade das regras, senão teríamos uma língua “de babel” (já é quase assim), mas precisa aproximar os textos literários da vida atual, a compreensão do texto leva à compreensão da gramática. Frases soltas só levam à decoreba. Quem lê aprende a escrever e para saber escrever bem, aprende a gramática.
2. Como eu comentei anteriormente, o conhecimento da gramática portuguesa, suas estruturas, divisões, e ligações facilitam extremamente a leitura, pois criamos o hábito de uma leitura analítica, facilmente notando erros e também boas combinações. Ao lermos mais analiticamente nossa estrutura ao escrevermos é automaticamente aprimorada e isso funciona muito bem em sala e em aulas de Língua Portuguesa.
3. Esse trio de conhecimento linguístico ajuda a desenvolver diversos aspectos e se relacionam ao colaborarem para a construção de um saber crítico, desenvolvimento da fala, da escrita, conhecimento cultural que é importantíssimo e aproximação dos próprios indivíduos em sala.
4. Estão interligadas. A gramática é nossa base para todas as outras matérias, a leitura nos leva com prazer a lugares inimagináveis e a escrita é uma consequência do que aprendemos na gramática e com a leitura.
5. Tudo se interliga, acho que isso podia ser mais explorado.

É consenso que, nas aulas de Língua Portuguesa, a gramática, a leitura e a escrita devem relacionar-se, no entanto os comentários fornecem pistas para que se perceba como o aluno de Letras concebe tal relação.

Na resposta número 1, o enfoque está no texto, o qual leva à gramática, pois esta não existe sem aquele – “Sem texto não há gramática.” –, afirma o discente que critica a decoreba, defende a compreensão e conclui dizendo que “Quem lê aprende a escrever e para saber escrever bem, aprende a gramática”.

Notadamente, aparece o advérbio “bem”, modificador do verbo “escrever”, ligado à gramática. O que é escrever bem? Quem aprende gramática sabe escrever bem? Quem escreve bem sabe gramática? Esses questionamentos perduram entre os estudiosos de língua, e parece que ainda não se resolveu tal problemática.

Cabem, neste espaço, algumas considerações: Se o objetivo primeiro no uso de uma língua traduz-se por comunicar-se e o usuário dela faz isso com competência, então a discussão não se pode centralizar nos conhecimentos gramaticais. Não se nega a contribuição de tais conhecimentos para a elaboração de textos orais e escritos dotados, por exemplo, de mais clareza e coesão, facilitadores do processo de interação verbal, porém nega-se o fato de a aquisição dos conteúdos de gramática garantir a formação de leitores e escritores. Parece esse o ponto de vista do autor da segunda resposta do quadro 1.

Da terceira, vale destaque “a construção de um saber crítico”. A criticidade no ensino-aprendizagem da língua vem sendo o mote das aulas de Língua Portuguesa da Licenciatura em Letras do IFFluminense. Defendendo-se o lema “abaixo a decoreba”, incentiva-se o pensar a língua, as regras, os padrões e até mesmo o tecer críticas a eles de modo a levar o educando a construir seus conceitos a partir da apropriação de várias e diferenciadas visões.

O quarto parecer do quadro aborda o prazer da leitura e seu poder de proporcionar ao leitor o contato com lugares inimagináveis. Inquestionável tal poder; mas, quanto ao prazer em ler, poder-se-ia fazer uma tese só sobre ele. Afirmou-se ainda que “a escrita é uma consequência do que aprendemos na gramática e com a leitura”. Mais uma vez, apresenta-se a escrita como consequência daquilo que a gramática ensina – visão já discutida – e da leitura. Se, por trás desse pensamento, estiver a concepção de que todos os que leem escrevem, cria-se outra controvérsia uma

vez que não se pode estabelecer relação tão direta entre escrever e ler ou ler e escrever. É inegável que o indivíduo que lê adquire bagagem cognitiva, no entanto o ato de escrever não acontece por mera transposição do ler.

Na tentativa de resumir, declara-se na última resposta: “Tudo se interliga, acho que isso podia ser mais explorado”. Realmente, o estabelecimento da relação entre a gramática, a leitura e a escrita precisa de maior aprofundamento; pois, apesar da existência de inúmeros estudos na área, a escola vem seguindo direção contrária ao propor aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica divididas por diferentes professores, que se dizem desta ou daquela disciplina e ministram os conteúdos de forma bastante estanque.

Na matriz dos dois primeiros períodos da Licenciatura em Letras do IFFluminense, constam as disciplinas Leituras Orientadas I e Leituras Orientadas II, cujo objetivo geral assim se traduz na ementa: “Oportunizar a leitura de textos de diferentes épocas por meio de estratégias que possibilitem ao educando uma reflexão crítica e uma práxis em situações laborais de ensino e de aprendizagem.” Tendo esse objetivo em mente, perguntou-se aos alunos: “Em que as aulas de Leituras Orientadas mais o(a) ajudaram?” Ao lhes apresentarem as opções, 41% revelaram que a maior contribuição da disciplina ocorreu no desenvolvimento da leitura; 27% apontaram a expressão oral, 9% assinalaram a escrita, 7% juntaram esses três aspectos, 8% marcaram “outro aspecto” e outros 8% não responderam. Levando-se em conta que se apontou a leitura também associada à escrita e à expressão oral, conclui-se que a maior contribuição da disciplina relaciona-se ao desenvolvimento dela, alcançando-se assim seu objetivo geral. Grande parte do corpo discente relembra as experiências vividas nas aulas desse componente curricular e expressa o desejo de continuidade dele nos demais períodos, como se constata na fala do aluno Natan, quando lhe perguntado o que precisa melhorar no curso: “Ainda que seja utópico, a criação da disciplina ‘Leituras Orientadas III’.”

Mais dois questionários destinaram-se aos discentes. Pensando em se ter uma visão mais ampliada e com maior isenção, buscou-se o parecer dos alunos do último período e, posteriormente, destes já desligados da instituição. Àqueles foram destinadas 13 perguntas sobre leitura; a estes, os primeiros egressos e formandos do segundo semestre de 2016 (2016.2), 11 perguntas sobre o curso e suas perspectivas profissionais.

Do primeiro, participaram 10 dos 11 alunos matriculados no oitavo período de 2016.2, os quais apontaram a leitura de livros como a mais realizada por eles no ano de 2016 (40%), ficando empatadas com 20% as leituras de jornal e de *facebook*. A revista, com 5%, também figurou entre as respostas, além de 15% dos entrevistados sinalizarem para outros tipos.

Cabe registrar que os 5% representativos do item “outros” se referem a três tipos de leitura estimulados pela instituição em que estudam: textos da faculdade; artigos e capítulos de livros; apostilas e capítulos de livros do Curso de Letras.

Todos os discentes costumam ler preferencialmente em casa e assinalaram a falta de tempo como a principal razão para não terem lido mais naquele ano. Um aluno esclareceu que a procrastinação e o desânimo compõem a resposta assinalada como “outra”.

O total de livros lidos foi 114, uma média aproximada de 12 livros por estudante, considerando 9 respondentes, já que 1 declarou não saber informar quantos leu. Essa média, no entanto, não reflete plenamente a realidade; pois, enquanto 3 admitiram a leitura de 20 a 30 livros, 1 relatou 15, 3 declararam 6 e 2 informaram 5. Dos 114 livros relatados, 75 eram literários (cerca de 66%).

Dos 10 alunos colaboradores deste momento da pesquisa, 3 leram exclusivamente por exigência da faculdade; outros 3 leram por isso e pelos demais motivos explicitados. Ainda 3 foram motivados unicamente pelo gosto, enquanto outros 3 foram movidos tanto pelo gosto quanto por outros aspectos.

Quando solicitados três títulos de obras lidas no referido ano, as mais recorrentes mencionadas pelos educandos foram: *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa (7 indicações), *Mulheres de cinza*, de Mia Couto (6 menções), *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, e *Os flagelados do vento leste*, de Manuel Lopes (cada um citado 2 vezes).

Na tentativa de justificar a indicação de tais obras, buscou-se a ementa de Literatura Africana de Língua Portuguesa II, uma das disciplinas do oitavo período.

Quadro 2 – Ementa de Literatura Africana de Língua Portuguesa II

Análise de temas e formas sob a perspectiva histórico-crítica de três principais expressões da literatura africana de língua portuguesa, a saber: a angolana, a moçambicana e a caboverdiana por meio de seus mais representativos autores: José Eduardo Agualusa,

Mia Couto e Manuel Lopes, respectivamente. Identidade, contexto histórico de desenvolvimento; características linguísticas e estilísticas.

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Letras, Instituto Federal Fluminense, 2015.

Como se observa, três dos quatro autores citados (José Eduardo Agualusa, Mia Couto e Manuel Lopes) constam na ementa do componente curricular do oitavo período Literatura Africana de Língua Portuguesa II. Quanto a Ronaldo Correia de Brito, os mesmos alunos que o apontaram informaram que a obra foi trabalhada em Literatura Brasileira IV, disciplina do sétimo período, a fim de explorar a temática sertaneja. Constata-se então que a Licenciatura em Letras vem impulsionando os alunos a lerem e em maior proporção, fato confirmado pela resposta à décima primeira pergunta – Após ter ingressado no curso de Letras, você leu mais, menos ou a mesma coisa? De forma unânime, os alunos reconheceram que passaram a ler mais após seu ingresso em Letras.

Apenas 1 dos educandos admitiu não ter lido parte de um livro ou ele por inteiro nos últimos três meses que antecederam à aplicação do questionário; 1 leu partes. Dos que leram um livro inteiro, assim se processaram as respostas:

Quadro 3 – Relação aluno/livro

Quantidade de alunos	Quantidade de livros
1	6
3	4
3	3
1	2

Fonte: A autora, 2018.

Considerando apenas os que leram algum livro, a média aproximada por aluno é de 2 livros no decorrer do trimestre, o que possibilita, de acordo com o Instituto Pró-Livro (2016) por meio da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada em 2015, considerar esses discentes e o que leu partes de um livro como leitores.

Para a escolha do livro, 6 respondentes deixam-se influenciar somente pelo tema ou assunto, embora 9 admitam sofrer tal influência. Só 1 dos 10 estudantes escolhe o que vai ler a partir de críticas e resenhas.

Em relação à interferência de textos literários na sua visão de mundo, houve unanimidade na resposta afirmativa.

Dom Casmurro foi o livro que mais marcou a vida de três estudantes, embora as justificativas para sua escolha não sejam tão pessoais

como as apresentadas para *Dom Quixote de La Mancha* e para a *Bíblia*. Esta “porque é o meu manual de sobrevivência cristã”, aquele “porque foi o livro que me fez perceber o quão forte e capaz eu sou”. Sobre o romance de Machado de Assis, é dito: (1) “Porque até hoje eu não sei se Capitu traiu Bentinho ou se Bentinho era um homem extremamente ciumento e toda sua desconfiança era baseada em invenções.”; (2) “Pelo tema ser atual, mesmo tendo sido escrito no século passado.”; (3) A justificativa ficou em branco.

A respeito dessa abordagem, é pertinente destacar que 1 aluno não soube citar o livro que mais o marcou por virem muitos à sua cabeça; outro respondeu: “Ainda não houve nenhum.”.

O terceiro questionário teve por finalidade colher as impressões dos primeiros concluintes ou egressos da Licenciatura em Letras do Instituto Federal Fluminense. Onze foram as perguntas com que se depararam 9 dos 11 formados em 2016.2. A primeira questionava quanto ao objetivo da escolha do curso. O relacionamento com a língua portuguesa tanto por amá-la quanto pelo desejo de aprofundar seu estudo e conhecimento, bem como a intenção de trabalhar com ela foram propósitos de 5 dos participantes dessa etapa. Duas justificativas relacionaram-se ao anseio de manter contato com a literatura; outras duas abordaram a identificação com a graduação e maiores chances de emprego, além da migração da área técnica para a de ciências humanas.

Tais objetivos se mantiveram após a conclusão do curso? Em geral, sim, pois apenas uma resposta foi negativa, e é justamente ela que se transcreve com a inclusão da primeira para melhor compreensão.

Quadro 4 – Objetivo da escolha do curso

1. Qual era seu objetivo ao escolher a Licenciatura em Letras?

O objetivo foi ingressar no Ensino Superior e manter meus conhecimentos atualizados com a finalidade de, posteriormente, a partir da aprovação no concurso vestibular para o curso de Comunicação Social – Jornalismo (primeira opção), na Região Metropolitana, isentar disciplinas como, por exemplo, retórica, produção textual, português instrumental. A escolha também foi motivada por conta da afinidade com a Literatura Brasileira, adquirida no Ensino Médio.

2. Esse objetivo se mantém após a conclusão do curso?

() Sim (X) Não

Por quê?

Curiosamente, se o primeiro objetivo fosse alcançado, não estaria respondendo ao questionário “egressos”, pois, inicialmente, ao ingressar no curso, o objetivo foi agregar conhecimentos, não obter uma profissão ou concluí-lo. As aulas seriam um trampolim para uma outra realidade tão desejada... Felizmente, o curso de Letras foi, sim, um trampolim, mas para a minha vida. Minha realidade foi transformada por ele: na condição de ser humano e economicamente. Apaixonei-me pela proposta da licenciatura. Desisti de ten-

tar outro vestibular. Fui seduzido, sem resistência, pelo magistério e reconheci que, mesmo diante das intempéries do ofício, posso fazer o que, verdadeiramente, sempre foi o meu maior sonho: transformar vidas e encantar indivíduos por meio do conhecimento. Penso que esta seja a maior missão confiada a mim e aos meus colegas concluintes. É gratificante fazer o que ama e sobreviver de forma digna da sua profissão.

Fonte: A autora, 2018.

“Felizmente, o curso de Letras foi, sim, um trampolim, mas para a minha vida. Minha realidade foi transformada por ele: na condição de ser humano e economicamente.”

Transformar realidade humana e financeira – não deve ser esta realmente uma das finalidades de uma licenciatura da área de ciências humanas?

Antes mesmo da conclusão do curso, Natan foi contratado por uma instituição renomada da cidade. Seu trabalho com a língua e a literatura encanta alunos e professores a ponto de receber várias propostas de emprego. Nesse sentido, estaria se cumprindo o desejo exposto por Natan ao declarar que “verdadeiramente, sempre foi o meu maior sonho: transformar vidas e encantar indivíduos por meio do conhecimento.”

Em relação às oportunidades de emprego, seria Natan uma exceção? Apenas 3 egressos declararam não trabalhar na área de formação: um é funcionário administrativo da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Unf); outro é militar reformado e dedica-se à escrita de livros e peças de teatro; o terceiro possui experiência na área técnica e busca inserção como professor de língua e literatura usando novas tecnologias digitais. Entre os que já atuam como docentes, dois são bolsistas de um projeto desenvolvido em escola pública, 1 trabalha por conta própria, 3, inclusive Natan, possuem vínculo com escolas particulares.

A pergunta 3 versou sobre o apoio dos familiares por ocasião da escolha e no decorrer do curso. Excetuando três alunos, os quais comentaram o comportamento do respectivo pai, todos receberam, direta ou indiretamente, algum estímulo dos parentes.

Quadro 5 – Apoio familiar

Cinthia – Sinto que meu pai não valoriza a profissão de professor, por causa das dificuldades do cenário educacional. Ele nem compareceu à minha formatura.

Lara - Minha mãe também é professora e ela me alertou quanto à realidade da profissão, mas não deixou de me apoiar, me ajudando nos estágios e fornecendo material para aná-

lises de livros didáticos quando eu precisava para algum trabalho. Meu pai me incentivava a fazer outras coisas também – de forma um pouco insistente algumas vezes –, mas nunca disse que eu deveria parar meu curso ou escolher outro, na opinião dele, eu podia ser professora e prestar concurso para trabalhar em um banco, por exemplo.

Natan - Meu Ensino Médio foi integrado ao curso Técnico em Meio Ambiente no Instituto Federal Fluminense campus Campos Guarus. Naturalmente, quando o concluí, meus familiares (principalmente, o meu pai) esperavam uma verticalização na minha formação. Desse modo, pensaram que eu seguiria para o Bacharelado em Engenharia Ambiental [...] Posteriormente, quando meus familiares começaram a ver o meu engajamento com a proposta do curso, perceberam que não era uma aventura ou um “passatempo”. A partir disso, reconheceram os efeitos da formação em minha maturidade, no comportamento e na independência intelectual/financeira.

Fonte: A autora, 2018.

Na fala da Cinthia, há exposição de pensamento corrente na sociedade brasileira de que a profissão docente não possui nenhum prestígio; ao contrário, ser professor não constitui motivo de orgulho. Há pais que sonham com medicina, odontologia, direito, engenharia e até impedem que seus filhos pensem na formação docente; outros, como o pai da Lara, não descartam abertamente tal possibilidade, mas a veem como mais uma alternativa – “na opinião dele, eu podia ser professora e prestar concurso para trabalhar em um banco, por exemplo”. Natan enfatiza notadamente o posicionamento do pai, o qual esperava que se tornasse engenheiro e pensava ser um passatempo ou aventura sua dedicação aos estudos voltados para a educação.

Quanto ao futuro profissional, todos almejam atuar em sala de aula, embora três tenham expressado o desejo de lecionar no curso superior. Trabalhar no serviço público faz parte dos planos de 4 egressos, dois dos quais especificaram o serviço público federal.

Cursar o mestrado é meta estudantil de todos, havendo pretensão de um deles em adquirir o título de Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A sétima e a oitava perguntas solicitavam uma avaliação do curso de Letras do IFFluminense, considerando os aspectos positivos e os que necessitam melhorar.

Entre os vários aspectos positivos, o alto nível do corpo docente foi o mais recorrente, havendo destaque também para o incentivo à leitura objetivando a formação de professores-leitores. “O ensino de múltiplas linguagens e o estímulo à criticidade”, apontados por Natan, vão ao encontro do “aumento da percepção crítica” detectado por Cinthia. Tais aspectos refletem não só a proposta do curso, mas também a prática dos

docentes atuantes nele. À guisa de exemplo, três questões de uma atividade de Sintaxe da Língua Portuguesa II.

Quadro 6 – Atividade de Sintaxe II

Em um quiz da internet, encontram-se as seguintes questões:

1. Qual é a regra de acentuação para as seguintes palavras: “farmácia”, “fotógrafo”, “trânsito”, “estético”?

- a) Todas as palavras são terminadas em vogais, por isso devem ser acentuadas.
- b) Todas as palavras são proparoxítonas.
- c) Todas as palavras são paroxítonas.
- d) Nenhuma das alternativas corresponde às regras.

Pensando na palavra “farmácia”, é possível admitir duas respostas a essa questão. Comente a afirmativa.

2. Assinale as palavras que estão corretamente acentuadas:

- a) Saída, hífen, café, herói, asteroide.
- b) Maracujá, farmácia, véu, pá, má.
- c) Troféu, cordel, papel, céu, jacaré.
- d) Dominó, faisca, baiuca, boia.
- e) Todas as alternativas estão acentuadas corretamente.

A crítica que faço agora é ao enunciado da questão. Qual o problema dele? Reescreva-o de modo a melhorá-lo.

3. Verbos “ter”, “vir” (e seus derivados) na terceira pessoa serão acentuados quando estiverem no:

- a) Nesse enunciado, faltou indicar o tempo e o modo dos verbos “ter” e “vir”, afinal não se acentua qualquer forma deles.
- b) **Mostre e explique** como se escrevem e se acentuam esses verbos na pessoa, número, tempo e modo em questão.

Fonte: A autora, 2018.

Nota-se que as questões propostas têm por base outras já existentes na internet. As duas primeiras solicitavam apenas a marcação de uma das opções; a terceira exigia o preenchimento de um espaço. O objetivo do docente da disciplina, entretanto, não é simplesmente levar o aluno a resolvê-las, mas a analisá-las sob óticas diferentes.

Todas dizem respeito às regras de acentuação gráfica. Na primeira, esperava-se que fosse assinalada a letra “b”, considerando as regras das proparoxítonas; no entanto a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) admite que “Os encontros -ia, -ie, -io, -ua, -ue, -uo, finais, átonos, seguidos, ou não, de s, classificam-se quer como ditongos, quer com ‘o hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua

Portuguesa”³, o que possibilita classificar “farmácia” como paroxítona terminada em ditongo crescente.

Bechara (2015), ao abordar a acentuação das paroxítonas, não cita as terminadas em ditongo e nem exemplifica as proparoxítonas com palavras terminadas nos encontros apontados pela NGB. Em Cunha e Cintra (2008), assim como em Caetano (2009), tais paroxítonas só se apresentam na lista de observações. Assim, diante dessa multiplicidade de interpretações, uma questão de simples resolução transforma-se em discussão de um dos aspectos da língua.

A questão 2 serve para ensinar a ensinar, uma vez que o docente chama a atenção dos alunos para a formulação de enunciados claros. Ao solicitar que sejam assinaladas as palavras corretamente acentuadas, o *quiz* faz referência a cada palavra individualmente quando deveria remeter ao item com palavras acentuadas conforme as regras da língua portuguesa.

Na questão 3, a falta de indicação do tempo tornou o enunciado incompleto, dando a entender que, em qualquer tempo, os verbos “ter” e “vir” na terceira pessoa do plural receberão acento.

Com essa atividade, verifica-se, como sinalizado pelos alunos de Letras, a preocupação do docente em estimular e aumentar a percepção crítica.

Registraram-se ainda duas menções às aulas de Língua Portuguesa: (1) “ensino de gramática excelente, mostrando o ponto de vista de vários gramáticos diferentes”; (2) “A partir delas, foi possível quebrar paradigmas e compreender que o ensino de Língua deve ser contextualizado para dar autonomia ao indivíduo, pois não restaram dúvidas de que ele é múltiplo, rico e polissêmico”.

Há, entre as opiniões, um ponto de encontro: ensino múltiplo da língua. Múltiplos pontos de vista, múltiplos autores, múltiplas leituras, múltiplos contextos, afinal lecionar língua é assumir, na concepção de Azeredo⁴, a abordagem pedagógica, pois seu objetivo final não é apontar como a língua é, mas como pode ser. Tal abordagem propicia “uma visão

³ Disponível em: < <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=ngbras>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

⁴ Palavras proferidas pelo professor José Carlos de Azeredo por ocasião da defesa da tese de doutorado de Daniela Porte, em 11 de outubro de 2017, na UERJ.

da língua, não como um conjunto fechado de fatos consagrados em nome de um padrão ideal de uso, mas como um repertório não excludente e, acima de tudo, aberto a usos e fatos possíveis.”

Em relação aos aspectos do curso a serem melhorados, os discentes apontaram as questões burocráticas; a melhoria do acervo da biblioteca; a necessidade de mais incentivo à pesquisa e de mais viagens para congressos e visitas culturais; a inclusão de José Cândido de Carvalho, autor campista, em alguma disciplina (Leituras Orientadas ou Literatura Brasileira); um período a mais de sintaxe e semântica; além da já mencionada continuidade do componente curricular Leituras Orientadas e do aumento da carga horária das disciplinas de Língua Portuguesa. A sugestão é que haja divisão dos conteúdos do segundo período, no qual são estudados temas de Fonologia e Morfologia. Como as disciplinas de Língua Portuguesa se estendem até o sétimo período, a possibilidade apresentada pelo próprio estudante seria o acréscimo de mais uma no oitavo e último período.

O aluno assim justifica sua opinião: “Os ensinamentos de Fonologia e, sobretudo, o de Morfologia são fundamentais para o andamento das disciplinas de Morfossintaxe, de Sintaxe (I, II e III) e de Semântica, uma vez que o seu conhecimento estrutura os processos de ensino-aprendizagem das relações sintático-semânticas.”

Mais um item para melhorar relaciona-se à produção textual nas disciplinas de Leitura e Produção Textual, presentes nos quatro períodos iniciais. Nas palavras do estudante, “Observo que aprendemos como reconhecer e ensinar as tipologias e os gêneros textuais, mas pouco produzimos”. Está implícito na observação ora exposta o conhecimento apenas teórico da produção de textos, fato que compromete o cumprimento de um dos objetivos da Licenciatura em Letras: formar produtores de textos claros e coerentes, o que certamente se refletirá também na prática docente desse não produtor no momento de orientar e corrigir os textos dos futuros alunos.

Seis foram os tópicos da pergunta 9 os quais o respondente deveria numerar a fim de informar o grau de contribuição das aulas de Língua Portuguesa para a sua formação: leitor(a) crítico(a); escritor(a) atento(a); cidadão(o) participativa(o); escritor(a) autônomo(a); conhecedor(a) das questões gramaticais; professor(a) com múltiplas visões. Este último recebeu o maior número de indicações, seguido dos conhecimentos gramaticais, da leitura crítica e da escrita autônoma e atenta. Confirma-se assim

que a produção textual não se encontra também entre as principais contribuições desse componente curricular, o qual, em contrapartida, vem preocupando-se prioritariamente com a formação de um professor com múltiplas visões e com conhecimentos gramaticais não apenas à base da “decoreba” de normas, mas capaz de pensá-las e assimilá-las mediante o acesso a diversas fontes e de forma crítica.

Todos responderam afirmativamente às perguntas quanto ao fato de se considerarem ou não docentes críticos e com competência linguística, além de afirmarem que fariam o mesmo curso, caso tivessem de recomendar. Entre as justificativas para permanecerem no curso, encontram-se:

Quadro 7 – Por que fazer o mesmo curso?

1. A Licenciatura em Letras do IFFluminense mudou minha vida.
2. Aprendi muito como estudante da língua, como professor e como pessoa.
3. Porque me fez entender melhor, por meio da língua e da literatura, o mundo em que vivo.
4. Por ser um novo indivíduo: crítico, emancipado, autônomo e independente. Não só recomendaria, mas também indicaria, ou melhor, indico aos próximos.
5. Escolhi Letras e não me arrependo. Essa certeza começou nos primeiros períodos, quando comecei a ter aula com professores maravilhosos (que amam o que fazem) e ingressei no PIBID (esse programa me ajudou bastante, mas é outra história). (...) Eu me sinto realizada quando percebo que faço a diferença e cumpro o meu papel de educadora com os meus alunos. Existem barreiras e desafios, mas é uma missão que vale a pena porque todo o esforço nunca é em vão. Eu consigo perceber os resultados, quando vejo o retorno dos meus alunos e então me sinto mais motivada. (...) Atualmente, leciono aulas particulares. Tenho dois alunos com dificuldades de aprendizagem e percebo melhoras no desempenho deles. Isso é gratificante!

Fonte: A autora, 2018.

As respostas expostas no quadro 7 possibilitam a formulação de considerações norteadoras de uma análise do trabalho realizado de tal forma que se tomem decisões quanto a prosseguir na mesma direção, mudar o rumo, a estratégia ou fazer adaptações.

A primeira, mais ampla, trata de mudança de vida. A que tipo de mudança se referiria: financeira, filosófica, prática? A segunda faz uma abordagem um pouco mais específica ao determinar a aprendizagem “como estudante da língua, como professor e como pessoa”, embora ainda permaneçam questionamentos quanto ao que se aprendeu nesses dife-

rentes âmbitos. A terceira aponta para a relação da escola, por meio do estudo da língua e da literatura, com o mundo em que se está inserido. Isso revela que o processo de ensino-aprendizagem extrapolou os muros escolares, alcançando as experiências cotidianas do educando; ou seja, não se processou uma aprendizagem restrita à escola, mas na escola, da escola; no entanto, também e principalmente, para a vida.

Na quarta resposta, aparecem adjetivos qualificadores do novo indivíduo formado pela licenciatura – crítico, emancipado, autônomo e independente –, além da firmeza ao declarar que “Não só recomençaria, mas também indicaria, ou melhor, indico aos próximos”. Nota-se que o recém-licenciado já se considera portador das características pretendidas por cursos de formação docente comprometidos com a construção da emancipação, independência e autonomia de pensamento, expressão e propagação do conhecimento.

O derradeiro depoimento não só revela sua satisfação e convicção quanto à escolha, movidas inclusive pelo contato com professores que amam o que fazem e por sua atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Por meio do envolvimento com o Pibid, foi possível à licencianda Cinthia ter contato direto com alunos e com eles desenvolver atividades nas quais obteve retornos positivos. A evolução deles, notadamente no gosto pela escrita e leitura, motivou a declaração de que, apesar dos muitos desafios e barreiras, vale a pena a missão.

3. *Considerações finais*

Paciência e não desistir do outro, eis a fórmula do ensinar e do aprender. Não é mágica, não é de outro planeta, trata-se do ser professor, tarefa que não se destina a qualquer indivíduo, pois é necessário gostar de gente, gostar de desafios; é fundamental perseverança para, tal qual Bilac, em seu poema intitulado “Profissão de fé”, torcer, aprimorar, alterar, limar, ter o olhar atento, trabalhar o pensamento e, finalmente, poder contemplar a obra de suas mãos. Obra, no entanto, inacabada, em constante processo de elaboração, afinal não há limites para o saber, o conhecer, o aprender e o ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 38. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CAETANO, Marcelo Moraes. *Gramática reflexiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2009.

CUNHA. Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE. Diretoria das Licenciaturas. *Projeto Pedagógico do Curso de Letras*. Disponível em: <<http://licenciaturas.centro.iff.edu.br/cursoslicenciatura/licenciatura-em-letras/plano-pedagogico-do-curso/ppc/view.>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

ORIGEM DA PALAVRA – SITE DE ETIMOLOGIA. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/site/palavras/aprender/>. Acesso em: 17 jan. 2018.